REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 487

I DE JULHO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

A crise financeira que ha mezes nos está honrando com a sua visita, obrigou o theatro de S. Carlos a pôr escriptos fóra de tempo.

S. Carlos obedeceu á intimação e por signal não encontrou ainda pessoa alguma que lhe tomasse a casa, e agora, como estamos no mez das mudanças mudou-se para outro santo, para Santo Antão.

Na segunda feira fomos, pela primeira vez, visitar a epoca lyrica á sua nova casa e francamente não nos pareceu muito mal alojada.

O principal defeito dos novos aposentos da epoca lyrica é a casa ser muito grande demais.

Desde o primeiro dia em que o Colyseu novo abriu as suas portas, que lhe notamos aqui esse defeito.

O circo é bonito, mas é demasiadamente grande para a nossa terra, e o ser demasiado grande tem desvantagens para o publico, para os artistas e para a empreza, sem ter a compensar todas essas desvantagens, vantagem alguma para alguem.

Casa de espectaculos enorme, os espectadores que estão d'um lado. não differençam as caras dos que estão do lado opposto: da platéa para os camarotes só com occulos de grande alcance, se póde avistar uma pessoa: para chegar da porta da entrada á primeira fila de cadeiras, não deixava de ser d'alguma commodidade uma linha d'americanos, e no palco um artista que entra muitas vezes em scena, que tem que andar toda a noite a descer do fundo á bocca de scena e a subir da bocca da scena ao fundo, chega ao fim do espectaculo, derreado, moido, estafado como se tivesse vindo de Cintra a pé até Lisboa.

A todos estes inconvenientes junte-se a tristeza que infunde aquelle enorme casarão, quando tem só um quarto de casa, e um quarto de casa ali, corresponde a uma enchente á cunha em dois dos nossos theatros, o esforço enorme que teem que fazer os cantores, para a sua voz ser ouvida em todo o circo, esforço que os obriga a gritar em vez de cantar, que lhes dá cabo dos pulmões e que torna impossivel *nuancer* o canto e a necessidade de uma orchestra gigantesca para se ouvir alguma coisa da musica.

Ora estas desvantagens para os artistas e para o publico, não são sequer compensadas pela vantagem da empreza em ter uma casa de espectaculos d'aquelle tamanho collossal.

Essa vantagem havel-a hia se o circo se enchesse a miudo: mas não enche, nem a miudo nem raras vezes, segundo me disseram *habitués* do Colyseu, apenas uma vez se encheu á cunha, desde que se abriu, e na noite em que nós lá estivemos, a primeira noite da *Carmen*, a casa melhor que tem tido a companhia d'opera italiana, estava immensa gente, gente que, espalhada pelos nossos theatros, encheria todos a trasbordar, mas havia muitas cadeiras sem ninguem, mais de dois terços da geral desertos, uns dez ou doze camarotes de 1.ª ordem vagos, vagos quasi todos da 2.ª, e no *promenoir* apenas umas trinta ou quarenta pessoas.

Ora uma casa de espectaculos muito grande, embora seja sempre desvantajosa para os artistas e para o publico é d'uma grande vantagem para a empreza, quando se enche repetidas vezes, mas quando se não enche nunca, até para a propria empreza é desvantajoso, porque o exagerado das suas dimensões só serve para augmentar consideravelmente a despeza a fazer com o pessoal e com a illuminação.

Com certeza que não insistiriamos novamente n'estes inconvenientes que ao Colyseu dos Recreios vem do seu enorme tamanho, se agora com os espectaculos da companhia lyrica italiana esses defeitos se não tornassem mais salientes ainda, se não viessem metter-se pelos olhos dentro de toda a gente, prejudicando sensivelmente o trabalho de todos os artistas, entre os quaes ha alguns de incontestavel merecimento.

E aqui vem a talho de fouce constatar um outro defeito de ha muito inveterado na construcção d'estas casas de espectaculo.

Em Lisboa, no Porto, na Figueira, ha theatros-circos magnificos, mas em todos elles á excepção do Principe Real do Porto, as exigencias do theatro ficaram subordinadas ás exigencias do Circo, quando devia ser perfeitamente o contrario: devia fazer-se um theatro grande, cujo palco convenientemente arranjado á moderna, podesse servir para a montagem e *mise-en-scene* de peças de grande espectaculo, de magicas, de peças militares, e construir a sala de espectaculo, de modo que, sendo necessario, a platea se podesse transformar em arena e o theatro desempenhar as funcções de theatro circo.

Não é isto que se tem feito, em nenhum dos circos de Lisboa. Nem nos actuaes nem nos já destruidos, se pensou nunca nas exigencias de theatro: fez-se um palco por fazer, para se dizer

CONDE DE S. MIGUEL, NOVO MINISTRO DE PORTUGAL NA CORTE DE MADRID

(Segundo uma photographia de E. Biel)

que tambem lá se póde representar, arranjou-se o circo sem pensar um momento sequer em condições acusticas, e d'ahi o mau effeito que em todos elles fazem as companhias de canto, que nas de declamação nem fallar n'isso é bom.

E isto é tanto mais original, quanto a exploração principal d'essas casas de espectaculo é precisamente a opera, a opera comica, a zarzuela, pois as companhias equestres e gymnasticas, apenas como excepção, attrahem o publico durante alguns mezes d'inverno, quando trazem novidades grandes, novidades que de dia para dia rareiam mais e se esgotam rapidamente.

Ora se o Colyseu dos Recreios tivesse sido construido d'outra forma, se em vez de ser um Circo grande como um theatrinho pequeno, todo proscenio, o que obriga a puchar todas as scenas e todas as situações das peças para a bocca de scena o que lhes prejudica enormemente o seu effeito, fosse um grande theatro, que quando fosse preciso podesse servir de circo, o effeito produzido pela companhia lyrica que actualmente ali está funccionando, seria mil vezes melhor do que é.

A companhia é claro que não é uma companhia de primeira ordem, nem o podia ser pelo preço que se paga para a ouvir; mas é uma companhia muito regular, e não tendo celebridades tem todavia artistas muito distinctos, como por exemplo o sr. Arago, que é um barytono muito bom, senhor d'uma voz bem timbrada e de grande volume e um cantor muito correcto sabendo usar muito bem d'essa voz e dando-nos na *Carmen*, que segundo nos affirmam todos que o tem visto nas outras operas, não é dos seus melhores papeis, um Escamillo excellente, muito superior á maioria dos Escamillos que temos visto no theatro de S. Carlos.

Como já dissemos a *Carmen* foi a unica opera que até agora temos visto no Colyseu dos Recreios.

Não fomos felizes, disseram-nos os hibitués da casa, que são quasi todos os *delletanti* de S. Carlos — porque o desempenho da *Carmen* não se póde comparar com o da *Hebrea*, *Africana*, *Huguenotes* e *Somnambula* que ali tem tido grande successo, — mas apesar d'isso a *Carmen* não nos produziu muito má impressão.

A' excepção da sr.ª Fabregas que não nos agradou na parte de *Carmen*, o resto é muito rasoavel, quando não é muito bom, como o barytono Arago.

O tenor por exemplo, cujo nome não nos occorre, tem voz um pouco nasal, mas agradavel, assim elle tivesse mais escola e não esforçasse a voz tanto a miudo.

A Michaela faz o que póde, que não é muito, mas nós não estamos habituados a ouvir Michaelas fazerem maravilhas em S. Carlos a não ser este anno a senhora Bronat, que foi a melhor Michaela que cá tem vindo.

Os outros papeis assim, assim, a media de S. Carlos e os coros são quasi os mesmos de S. Carlos tendo á sua frente a famosa corista gorda, que restabelecida da grave doença que durante annos a afastou do theatro, reappareceu agora no S. Carlos de Santo Antão.

O publico foi justo com o barytono Arago, applaudindo o muito e fazendo-o bisar os *couplets* do *Toreador*, que elle cantou muito bem, e com uma Carmen nova, como nos dizem que vae ter, a famosa opera de Bizet ha-de fazer no Colyseu dos Recreios um caminho mais prospero do que o que alguns annos teem feito em S. Carlos.

Ora se n'aquelle theatro pagando uma renda grande, no verão, por preços baratissimos, n'uma casa de espectaculos que não se presta á opera, se podem apresentar operas como as tem apresentado a empreza do Colyseu, é claro que em S. Carlos, não tendo que pagar renda do theatro, no inverno, na época propria, por outros preços e podendo augmental-os ainda, é possivel, sem subsidio, ter opera italiana muito rasoavel, havendo bom tacto administrativo, sabendo organisar companhia e fazer reportorio.

E eu estou ainda na minha — é que para um administrador habil, intelligente, sabedor do seu officio será preferivel o theatro sem subsidio com a faculdade de dar as recitas que quizer, trazer os artistas que entender, organisar o reportorio que lhe aprouver, e pôr aos logares do theatro o preço que julgar conveniente, ao theatro com 25 contos de réis de subsidio e as exigencias de companhia, de peças novas, de numero de recitas, de preços inalteraveis e de direitos de assignantes.

E penso que ha já mais alguem que entenda o mesmo e a prova é que deu entrada no Ministerio do Reino, segundo consta, uma proposta para a exploração de S. Carlos durante cinco annos prescindindo do subsidio.

Não sabemos promenores da proposta nem sabemos o que o governo lhe fará, mas estamos certos de que o theatro de S. Carlos não se conservará fechado na proxima época e quer-nos parecer que tanto o publico como o Estado terão a ganhar com a suppressão do subsidio.

* * *

Chegou a Lisboa o cardeal Sachetti, portador da Rosa d'Ouro que Sua Santidade Leão XIII enviou a S. M. a Rainha D. Amelia.

A cerimonia da entrega da Rosa realisar-se-ha no dia 4 com toda a solemnidade, na capella real do Paço das Necessidades, havendo em seguida á cerimonia religiosa um jantar de grande gala no Paço.

Na vespera á noite haverá recita de gala no theatro de S. Carlos, recita que constará d'um concerto promovido em honra de Sua Magestade pela Real Academia dos Amadores de Musica e em que se executarão entre outros trechos de musica as magnificas rapsodias portuguezas do sr. Victor Hussla.

Gervasio Lobato.

O CONDE DE S. MIGUEL

NOVO MINISTRO DE PORTUGAL NA CORTE DE MADRID

Por sem duvida é a vida diplomatica uma das formas de actividade social que requer maior numero de qualidades tanto de prestigio e de talento subtil, como de requintada polidez, expressa nos seus diversos meandros os quaes são a chave de muitos triumphos em negociações diplomaticas.

O governo nomeando um diplomata de carreira para a côrte de Madrid escolheu bem, porque o sr. conde de Miguel como distincto membro da sua classe tem uma brilhante folha de serviços, que começaram em 1868, época em que foi nomeado addido da legação, precedendo concurso.

Representante da antiga nobreza portugueza, filho 2.º da casa dos marquezes de Terena e dos condes da Costa e IX conde de S. Miguel, *titulo creado no seculo XVII*, reconheceu logo nos bancos da universidade de Coimbra que um homem não é verdadeiramente mais nobre que outro, quando não tem mais saber, mais talentos e mais virtudes que elle. Viu que a nobreza era um legado caduco para aquelles que d'ella não teem senão um vão titulo, carecendo absolutamente das suas qualidades, podendo esses degenerados representantes que vivem só da memoria dos seus avoengos ser comparados aos vermes parasitas dos cemiterios, que unicamente se alimentam das ossadas de cadaveres. O sr. conde de S. Miguel comprehendeu nitidamente que a nobreza dos seus antepassados era uma herança de que só o seu proprio merecimento lhe podia dar a posse, e n'estas condições a fidalguia é um legado muito estimavel e de valor real em quasi todas as côrtes da Europa. Ao sair da universidade com a carta de bacharel formado em direito e habilitado com o curso administrativo da mesma faculdade, parece que pensou desde logo em seguir a vida diplomatica, dedicou-se ao estudo do direito publico internacional de que publicou em 1867 uma memoria, intitulada: *A Extradicção dos criminosos e desertores*. Sebastião Guedes Brandão de Mello, como então elle assignava, resume n'essa monographia de 150 paginas, em dicção clara e fluente, a historia da extradicção, os principios em que se funda e as regras já acceitas a tal respeito pelas nações civilisadas.

O meio deprimente contemporaneo que nos envolve, abastardou a raça portugueza, amolleceu a coragem, amesquinhou as ambições e corrompeu n'um mercantilismo ganancioso a pureza dos antigos caracteres firmes e austeros.

A fluctuação de ideaes e a ferocidade egoista substituiram a antiga fortaleza d'animo e o intemerato ideal do sentimento christão que inspirava todas as almas e affagava carinhosamente todas as existencias.

O sr. Conde de S. Miguel com a sua vida honrada e laboriosa servida pelos seus limpidos talentos e fortificada pelas suas crenças constitue um protesto vivo contra a decadencia moral contemporanea.

Na sua carreira de *negotiorum gestor* parece que adoptou a divisa de Colbert: *Pro rege saepe, pro patria semper*.

Dotado de animo resoluto e firme, isto é caracter de antes quebrar do que torcer, guiado por um intenso sentimento patriotico, convicto que a melhor de todas as espadas é o bom direito, o sr. conde de S. Miguel será sem duvida uma fiança de paz e de dignidade nacional como ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario na corte de Madrid, juncto d'uma soberana regente que é uma senhora esmaltada pelas mais altas virtudes, e aureolada por um justo prestigio.

Entrega as suas recredenciaes a S. M. o Imperador da Russia onde o nosso illustre diplomata era um ministro querido e apreciado d'aquella grandiosa corte para ser acreditado na capital da nobre nação hespanhola, vem do imperio do extremo oriente para a peninsula do extremo occidente.

Fora encarregado de negocios em diversas cortes, como Bruxellas, Roma, Vianna, Paris e ministro plenipotenciario em Berna, em Haya e ultimamente em S. Petersburgo. N'esta côrte prestou relevantes serviços na occasião do conflicto luzo-britanico, conseguindo até certo ponto obter a coadjuvação d'aquelle poderoso imperio em favor de Portugal.

Foi elle que em Roma tomou parte activa nos trabalhos da congregação do hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes e mais tarde fez parte da commissão executiva nomeada pelo Marquez de Thomar, então ministro de Portugal juncto da Santa Sé para administrar o referido hospicio e proceder á organisação de novos estatutos.

Por portaria de 16 d'agosto de 1878 sendo encarregado de negocios em Paris foi incumbido de formular um relatorio ácerca do ensino popular em França e de colligir e colher, na exposição universal que teve logar em Paris, no referido anno de 1878 todos os elementos, que julgasse necessarios para o desenvolvimento do ensino industrial e agricola, relatorio este que apresentou em 18 de junho de 1879, que é um documento d'um notavel valor, o qual serviu de base á reforma da nossa instrucção publica. N'essa epoca desempenhou com distincta competencia conjunctamente com as funcções de seu cargo, as de delegado por parte de Portugal, na conferencia monetaria internacional reunida em Paris para o que fora nomeado por decreto de 13 d'abril de 1881.

Como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario juncto do presidente da confederação Suissa assignou em Berna a troca das ratificações da convenção phyllexerica internacional, por parte de Portugal para o que lhe foi passado o pleno poder em 1 de julho de 1882 e negociou com o conselho federal, revelando superior criterio, a convenção consular que concluiu e assignou em Berna em 25 d'agosto de 1883.

E' o sr. conde de S. Miguel grão cruz e commendador de differentes ordens civis e militares, por serviços prestados em differentes paizes, mas foi condecorado com uma que merece especial menção — é a Torre e Espada, quando tinha apenas 13 annos de idade, por salvar d'um incendio pavoroso, n'uma casa de campo, duas creanças rompendo duas vezes por entre as terriveis chamas com um denodo e uma coragem verdadeiramente excepcionaes.

Na occasião em que El-Rei o Senhor D Carlos casou, foi o sr. conde de S. Miguel, então ministro em Haya convidado, nobremente, a deixar a carreira diplomatica para junto com a Senhora Condessa de S. Miguel formar a côrte dos reaes principios, onde permaneceram durante alguns annos. Tal é a confiança que as elevadas qualidades de espirito e de coração dos nobres condes inspiram aos nossos augustos soberanos. O illustre diplomata que vae honrar o seu paiz agora na côrte de Madrid, é tambem Grande do Reino, official mór da nossa casa Real, vedor de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia.

A sua consciencia escrupulosa como cidadão e o seu infatigavel amor ao trabalho só pode comparar-se ao ardor do seu acrisolado sentimento patriotico.

Para viver n'uma côrte altiva como a de Madrid e entre uma nobreza orgulhosa como a hespanhola é vantajoso descender de reis e de senhores feudaes de épocas medievicas como a senhora condessa de S. Miguel que conserva o typo distinctamente senhoril de fidalga de raça, alma fina e cultivada cujo coração é um sanctuario dos mais puros affectos. O verdadeiro espirito d'uma embaixatriz deve ter como a sr.ª condessa de S. Miguel qualidades de diamante, deve ser brilhante e solido. Muitas senhoras a desejarão imitar, mas tambem o pyrilampo quer parecer-se com uma estrella e a violeta com a palmeira. Não é tarefa facil, por isso nem a tentamos — o desprender das complexas e vetustas geneologias o nome preclaro da senhora condessa de S. Miguel para o encadear nas singelas rendas do nosso estylo. E' filha morgada com vinculo registado do 10.º conde dos Arcos, casa que descende de D. Izabel filha do rei de Portugal D. Fernando I e do conde de Gijon D. Affonso filho d'El-rei D. Henrique II de Castella.

Tem entre os seus ascendentes muitos nomes illustres na historia do nosso paiz, ainda o 8.º conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito foi vice rei de mar e terra do Estado do Brazil nos fins do seculo XVIII, depois presidente do conselho de ministros durante a regencia da infanta D. Izabel Maria revelando em todos os actos da sua vida poderosas faculdades. D'esta estirpe saíram outras figuras imponentes cujos feitos as collocaram n'um pedestal tão indestructivel da historia portugueza, que fala mais alto e diz melhor do que o marmore dos pantheons e o bronze das estatuas.

Antonio Cavalleiro.

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

III

(Continuado do n.º antecedente)

Partimos.

O comboyo, um pacato comboyo mixto foi por ahi acima, muito devagar, muito ronceiro, arfando ruidosamente como um cardiaco a subir uma escada, demorando-se pachorrentamente em cada estação, como quem não tinha muita pressa de chegar ao seu destino.

Nós porém começavamos a ter alguma pressa, porque principiavamos a ter alguma fome. Ao nosso lado dentro da sua cesta, duas gallinhas córadas, uns fôtos de batata e um naco de vitella assada, desafiavam o nosso apetite, mas a prudencia aconselhava nos a não mecher ainda no nosso farnel. No Entroncamento havia almoço: e do Entroncamento a Portalegre havia 8 horas de viagem e apenas uma estação com *buffete*, a Torre das Vargens, e um *buffete* acerca do qual informações desencontradas tinham lançado muitas duvidas no nosso espirito, davam que pensar ao nosso estomago.

Fechâmos os ouvidos á voz da fome para só os abrirmos á voz da prudencia, e nenhum de nós se atreveu a tocar no farnel, que era a nossa defeza contra o *buffete* da Torre das Vargens, e esperámos o Entroncamento

Finalmente chegámos lá pela volta do meio dia.

Não sei se o almoço era bom ou mau; o apetite era excellente e por isso achamol-o optimo. A demora de meia hora que o comboyo teve ali pareceu-nos muito menor que a de cinco minutos que ella tinha tido nas outras estações. O segundo toque de sineta surprehendeu nos ainda em animado cavaco com o bife com batatas cavaco que fomos terminar para dentro da nossa carruagem e a viagem continuou.

Até Abrantes a linha é lindissima, bellos panoramas, vistas pitorescas, entre ellas uma das mais formosas das linhas ferreas portuguezas, a do Castello de Almourol que se ergue no meio doTejo como um d'aquelles lendarios Castellos do Rheno, e a que se prende uma das tradicções mais gloriosas da epopeia heroica do Marechal Saldanha.

Mais adiante, logo a seguir o apeadeiro de Tancos.

Ahi esperavam o comboyo umas senhoras, um velho militar e uns pequenitos.

Apenas o comboyo parou um dos pequenos correu para elle, desenvencelhando-se da mão do velho, a gritar:

— Papá! Papá.

D'uma carruagem saltou um alferes: fez a continencia ao velho, gravemente, depois lançou-se-lhe nos braços beijando-o. N'isto a sineta tocou e quando o comboyo partiu caminhavam por uma vereda as senhoras, o militar, o velho e o alferes mais atraz, com o pequeno ao collo, a conversarem muito os dois como quem tinha muito que dizer, e pareceu nos estar vendo um d'aquelles quadros da vida militar, que ás vezes na montra do Barella, fazem pejamentos de curiosos nos passeios do Chiado...

* * *

De Abrantes para deante a viagem começa a ser d'uma massada, d'uma insipidez medonha.

A carruagem um forno com o sol da charneca a dar lhe sempre a prumo: o panorama monotono estupido, campos áridos, incultos, sem fim, sempre a mesma coisa, a mesma tristeza desoladora, a primeira visão do Alemtejo tradiccional.

Agora nem sequer já ha as estações visinhas umas das outras a cortarem a monotonia da viagem, a servirem de pausas para se descançar um pedaço. De estação a estação uma hora que parece um seculo.

Mais de cincoenta vezes olhámos para o farnel.

Mas o Rebollo dizia-nos:

— Nada! Na Torre das Vargens janta-se. Temos lá perto d'uma hora de espera. Temos tempo de jantar com todo o nosso descanso.

— Mas eu tenho más informações da Torre das Vargens. Tem-me dito que é um restaurant macanjo... Veja lá...

— Devo dizer: Já lá tenho comido muito bem.

— Bom, vamos lá a esperar... Em ultimo caso, cá está o farnel á espera...

Chegámos á Torre das Vargens.

Saltámos todos no restaurant.

A minha informação era infelizmente verdadeira, e verdadeira em ambos os sexos.

Restaurant macanjo e *má canja*. Desculpem-me mas em caminho de ferro não se póde deixar de ser um bocadinho suggestionado pelo Mendonça e Costa.

Canja pessima, gallinha idem. O Rebollo estava mais branco do que a canja.

E desculpava-se:

— Pois eu affianço-lhes que já tenho comido aqui muito rasoavelmente.

— Tambem nós vamos comer, se Deus quizer, mas é dentro da carruagem, tornei eu voltando para o comboyo e abrindo a cesta do farnel.

E graças a Deus não se comeu mal e quando chegamos a Chança ainda os nossos dentes trabalhavam...

Chança, Crato, e eis-nos em Portalegre.

* * *

Eis-nos em Portalegre, é facil de dizer, mas muito menos facil de fazer.

Porque mesmo quando a gente chega no caminho de ferro a Portalegre está tão longe de Portalegre como duas horas antes de lá chegar.

Isto parece um bocadinho confuso, um bocadinho metaphysico, mas não é: o que é, é um bocadinho massador.

A estação de Portalegre está afastada 13 kilometros da cidade, e o estado miseravel em que está a estrada que lá vae ter justifica perfeitamente todo o enguiço que se attribue ao numero treze.

Na estação estava á nossa espera um rapaz alto, magro, de cabello louro, olhos muito vivos e muito intelligentes, com o olhar um pouco vago de quem tem sempre o espirito muito occupado, muito em que pensar.

Esse rapaz era o sr José Maria Rosa o presidente do Montepio Operario Artistico Portalegrense em que já mais d'uma vez tenho fallado n'este jornal.

Conheciamo-nos apenas por cartas. Abraçamo-nos, e se a impressão que lhe causei foi a mesma que elle me produziu pode-se dizer que ficámos logo ali amigos como se nos conhecessemos ha muitos annos.

José Maria Rosa tinha-me feito a amabilidade de nos levar uma carruagem para nos conduzir á cidade, poupando-nos assim aos solavancos d'um char-à-bancs por uma estrada cheia de altos e baixos.

Entrámos para a carruagem cujo cocheiro extremamente attencioso e delicado desmentia a lenda da má creação dos cocheiros das cinco partes do mundo, e começámos a caminhar para Portalegre

A estrada é bonita ao principio, cheia de verdura de um lado e d'outro, uma estrada pelo meio d'um jardim, mas depois começa a ser feia a ser horrorosa, não deixando nunca de ser bonita, mas sendo sempre a mesma coisa.

É a eterna historia do nem sempre gallinha nem sempre rainha

No primeiro quarto d'hora a belleza da estrada encanta-nos, no segundo quarto d'hora encanta-nos já muito menos, no terceiro principia a massar-nos, no fim de duas horas já se não pode com aquella estrada bonita, lança se a belleza do caminho por todos os póros.

E parece que não tem fim essa maldita estrada.

— Então a cidade? perguntavamos nós.

— É ali adiante já, dizia nos o cocheiro.

É ali adiante, é ali adiante, e Portalegre não chegava e nós começavamos já a suspeitar que aquillo era alguma mystificação.

Demais a mais o pessimo pizo do caminho não deixa os trens andar depressa, porque se corre o risco de quebrar a cabeça d'encontro ás paredes do carro e não é facto novo em Portalegre um passageiro apear-se sósinho na estação e chegar lá acima, á cidade cheio de gallos.

E muito cauteloso, o cocheiro, para nos poupar a fazer a viagem com essa creação, levou-nos a passo todo o caminho, a passo durante treze kilometros, emandamento de enterro!

* * *

A tarde ia cahindo, os machos por mais d'uma vez tiveram tentações de fazer o mesmo do que a tarde, mas susteve-os a possante mão de redea do cocheiro, e nós á espera de Portalegre, e Portalegre sem apparecer.

Finalmente appareceu.

— Lá está a cidade, avisou o cocheiro, já quasi ao anoitecer.

Olhámos.

Lá ao fundo, recostada preguiçosamente no alto da montanha, por entre o enovoamento vago da luz crepuscular, mirava-nos Portalegre, a grande cidade, como lhe chamam no Alemtejo e que é realmente grande, como se pode ver na gravura que hoje damos.

Tinhamos visto Portalegre mas para lá chegar ainda nos custou alguma coisa.

Andámos, andámos ainda coisa de meia hora e iamos já desesperando de lá chegar quando o Rebollo, que ia na almofada, nos disse, dentro do seu papel de Cicerone.

— Aqui é o paço episcopal!

Os machos subiam vagarosamente, com a firmesa de quem está muito acostumado áquelles passeios, uma rampa ingrime.

A' nossa direita erguia-se o Paço episcopal, á esquerda desenrolava-se ante os nossos olhos admirados um panorama daslumbrante que nos fez pensar em Cintra — toda a encosta illuminada pela lua que se ia erguendo muito lentamente n'um ceu muito limpido, todo constellado d'estrellas.

— Estamos em Portalegre, participou o cocheiro, ao mesmo tempo que as ferraduras dos machos batendo nos lagedos da calçada nos annunciavam que tinha acabado a estrada e começavam as ruas da cidade.

E com mais alegria ainda do que a Scalchi Solli exclamava, *Alfine*, ao chegar a Babylonia, exclamámos:

— Eis-nos em Portalegre.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

VISCONDE DE PONTE FERREIRA

No dia 19 de junho findo, falleceu em Lisboa, na sua residencia da rua do Prior n.º 54, o sr. Visconde de Ponte Ferreira, na avançada idade de oitenta e quatro annos incompletos.

Foi mais um bravo do Mindello que cahiu por terra, depois de ter tantas vezes luctado contra a morte que vira perto de si, nos campos de batalha juncados de cadaveres dos seus companheiros de guerra, mas para mostrar bem a tempera rija de que era, reagiu até ao fim, até ao ultimo momento, se póde dizer, ao mal mortifero que pouco a pouco o ia aniquilando, (a diabetes) levantando-se da cama no proprio dia em que morreu, quando já tinha contadas as poucas horas que lhe restavam de vida.

Morreu nos braços de seu filho, o sr. José Emilio d'Azevedo Pereira da Silva Cabral, como uma luz que se estingue, sereno, sem agonia visivel, exhaustas as ultimas forças, que até aos ultimos momentos aproveitou, com a coragem de quem não receia a morte.

José d'Azevedo Pereira da Silva, visconde de Ponte Ferreira, do conselho de Sua Magestade, fidalgo da Casa Real, commendador das ordens militares de Christo e de Nossa Senhora da Conceição, cavalleiro e official da ordem da Torre e Espada, condecorado com a medalha das campanhas da liberdade algarismo n.º 7; tenente coronel, vice-presidente da Real Associação Humanitaria do Porto, socio honorario da Associação Liberal Portuense, chefe de serviço da alfandega de Lisboa aposentado, etc., nasceu no Porto a 17 de outubro de 1808, filho de Miguel Antonio Azevedo Pereira, abastado e honradissimo negociante e de D. Maria da Silva d'Azevedo Pereira.

Apesar de seus paes o destinarem para a vida monastica, não lhe soffreu o animo o seguir essa vida de repouso e oração.

Deixou o habito de noviço, que estava prestes a vestir no convento da Costa de Guimarães, e veiu para o Porto, onde embarcou como praticante a bordo de um navio e seguiu viagem para o Rio de Janeiro.

Foi isto por 1825, quando contava apenas 17 annos de idade. Poucos mezes depois de voltar d'aquella viagem, encontrou o Porto agitado pelas ideas revolucionarias que prepararam o advento da Liberdade e Pereira da Silva, foi dos que se enthusiasmaram e seguiram essas ideas.

D'elle nos diz o fallecido escriptor Osorio de Vasconcellos em uma biographia do illustre liberal:

«No dia 16 de maio de 1828 proclamou-se o grito da revolução liberal e escusado é dizer que José d'Azevedo, que ainda não contava 20 annos foi dos primeiros que pegaram em armas, alistando-se na companhia academica. Seguiu-se logo a triste odysséa da emigração. Emquanto os chefes embarcavam no vapor *Belfast* para Inglaterra, a fim de escaparem á implacavel alçada de D. Miguel, que vinha erguer o patibulo politico no Porto e encher os carceres e as persigangas de victimas, José d'Azevedo seguia a sorte dos seus companheiros de trabalhos e dos seus irmãos d'armas, commandados pelo general Pizarro e por esse heroico soldado que depois teve o titulo de marquez de Sá da Bandeira. Acampado em Lobios, na fronteira da Galiza, onde soffreu as torturas e os amargores que os satellites de Fernando VII de Hespanha infligiam nos emigrados portuguezes, descalço, maltrapido, com fome e quasi esmolando pelo caminho, chegou á Corunha onde embarcou a bordo da galera austriaca *Aurora* que transportou os emigrados a Plimouth. Ahi, e porque se malograsse a primeira expedição commandada pelo marquez de Saldanha para socorrer os valentes da Terceira, tratou a regencia de organisar clandestinamente nova expedição, para a qual foram escolhidos os mais bravos e energicos e que mais desprezassem a vida, José d'Azevedo foi, como sempre dos primeiros A expedição apoz mil perigos, tendo rompido o bloqueio da esquadra ingleza, conseguiu pôr pé na ilha Terceira cujos defensores estavam a pique de total ruina. Na Terceira, os voluntarios da rainha começaram por descercar e varrer a cidade de Angra das guerrilhas que a infestavam. Guarnecida a ilha e quando as forças liberaes se iam organisando, surgiu no porto da Villa da Praia uma poderosa esquadra do governo de Lisboa trazendo a bordo um numeroso e bem adestrado corpo de desembarque.

Travou-se sobre aquellas ribas alcantilladas, batidas do mar, a celebrada batalha do dia 11 de agosto de 1829 onde José d'Azevedo combateu ao lado e em competencia com os mais valentes, conseguindo os liberaes não só evitar o desembarque, mas operar grande carnificina nas tropas expedicionarias. Conquistado o archipelago açoriano, alistados e organisados novos corpos tanto entre os emigrados portuguezes como nos paizes estranhos, fez-se de vella a expedição dos 7:500 que desembarcaram nas praias do Mindello e se fortificaram no Porto que se tornou o baluarte inexpugnavel da liberdade. Nenhum reconhecimento se fez, nenhum combate se travou, nenhuma batalha se feriu em que José d'Azevedo não tomasse a sua parte de gloria e de perigos. Afinal no reconhecimento da Cruz da Regateira em 17 de novembro de 1832 cahiu gravemente ferido.».

A batalha de Ponte Ferreira, ferida nos dias 22 a 23 de julho, foi aquella em que mais se distinguiu Pereira da Silva pelo seu valor militar, e tendo D. Pedro IV resolvido agraciar com o grau de Cavalleiro da Torre e Espada o voluntario que mais se houvesse distinguido n'aquella acção, o commandante do regimento, Mendonça Arraes, consultou os capitães de companhias, para que estas reunissem e procedessem á votação nominal do camarada que devia receber aquella distincção.

Todos foram unanimes em votarem em José d'Azevedo Pereira da Silva, que n'aquella occasião se achava recolhido á cama por causa d'um resfriamento que apanhara no rio Ferreira, onde andara mettido n'agua até ao peito em perseguição do inimigo com outros seus camaradas, tendo sido elle o primeiro que se aventurou a essa empreza.

Em 1833 foi nomeado alferes do 1.º batalhão nacional de Villa Nova de Gaya, e ahi empregou toda a deligencia para a terminação da sangrenta campanha liberal.

Terminada aquella, depoz as armas, mas voltou a cingir a espada, nas luctas que se seguiram ás campanhas da liberdade, sendo promovido a tenente coronel em 1846 para o batalhão de empregados publicos organisado no Porto e depois despachado tenente do regimento de officiaes da Rainha.

Restabelecida a paz entrou Pereira da Silva, nos serviços publicos e foi nomeado guarda-mór da alfandega do Porto. Por 1853 deu-se no Douro o tristemente celebre naufragio do vapor *Porto*, e por essa occasião o valente liberal, provou mais uma voz a sua coragem e sentimentos humanitarios, o que lhe valeu a Rainha Senhora D. Maria II eleval-o ao grau de official da Torre e Espada.

Ainda na biographia que já citamos encontramos este periodo a proposito dos desastres occorridos no Tejo em novembro 1876:

«Poucos podem hombrear com elle e disputar-lhe competencias. Um ultimo traço para accentuar e caracterisar ainda mais esta physionomia sympathica. Quando em 15 de novembro de 1876 se desencadeou um cyclone que ceifou tantas victimas no Tejo e tantos estragos acumulou na cidade, José de Azevedo não hesitou um momento em affrontar o perigo temeroso. Estava o Tejo revolto. As ondas crespas açoutavam violentamente o caes da alfandega. Os navios garravam no ancoradouro. A força do vento fazia pedaços os mastaréus e zunia nas enxarcias que vergavam. Viu-se então o que póde a energia moral de um homem. Viu-se um velho sereno e erecto embarcar n'um pequeno vapor mil vezes em risco de se partir nas muralhas do caes. Por fim e apoz momentos angustiosos o vapor fez-se ao largo, em demanda dos empregados da fiscalisação do rio que se julgavam perdidos. Naquella occasião solemne, no momento do perigo reappareceu por uma transfiguração sublime o velho soldado, o impavido e o corajoso martyr do dever se necessario fosse O perigo foi grande mas o dever que é tambem uma religião, cumpriu-se. Apezar de adiantado

UMA VISTA DE PORTALEGRE — Vid. art. *Oito dias no Alemtejo*

(Segundo uma photographia de Paino Perez)

em annos, goza de excellente saude, é ainda agil e dextro e nada o acobarda A espada e a espingarda do cerco do Porto pendem agora inanes da panoplia; mas prestes se soltarão se a patria e a liberdade de novo reclamarem o esforço d'este honrado e benemerito veterano.»

Foi um cidadão prestante, que serviu a sua patria n'um periodo de 57 annos, sendo aposentado do seu logar da alfandega de Lisboa, em 1885.

Foi pouco depois agraciado com o titulo de Visconde de Ponte Ferreira em duas vidas, justa recompensa honorifica de tantos serviços prestados.

A seu filho unico o sr. José Emilio de Azevedo Pereira da Silva Cabral, a quem passa o titulo de seu pae, e a toda a sua illustre familia os nossos sentidos pezames.

C. A.

no canto caricioso das suas vagas azues, e a mesma furia, violento arranque, de alterosas ondas no estalar da tormenta, como sempre tem ostentado ha mais de seis mil annos, — edade maior que a do velho soffrimento humano!...

O Mar separa nações, raças, divide e perturba a seu bel-prazer as temperaturas, os climas; a sua quietação de vasto cemiterio não deixa perceber que contem em si o fragor estridente dos campos de batalha.

Se, como donairosa amante, se recosta em languido abandono, franqueando o leito aos que sabem amar, tambem o difficulta aos profanos, ora emaranhando na crista espumosa das vagas, os atrevidos que ousarem transgredir seus despoticos decretos, ora mandando o fero Adamastor cavar abysmos onde havia planices, alevantar montanhas onde se abriam os valles.

* * *

Era a 27 de abril de 1873, um d'esses formosos dias que o velho Oceano sabe conceder.

No azul carregado, o sol. ostentava todo o seu esplendor, redourando aquella abobada immensa!

A graciosa barca *Herculano* commandada pelo capitão José Riacho, onde eu ia como *segundo*, navegava com amura por bombordo, ahi por uns 39° de latitude norte e 4°.45' oeste do meridiano de Lisboa, quando avistámos por sotavento da proa uma galera franceza.

Era a *Montagnard* que, como nós, se havia feito de vella do porto de Pernambuco, dois dias antes de largarmos o ancoradouro.

Assim, a nossa rota, já era uma pequena victoria.

PORTALEGRE — Largo «Serpa Pinto», Lyceu e Governo Civil — Vid. art. *Oito dias no Alemtejo*

(Segundo photographia de Paino Perez)

SCENAS MARITIMAS

II

A lucta entre os povos, a exploração de estes pelos grandes aventureiros, as rivalidades de nação para nação, as descobertas modernas a que tem presidido a grande deusa Electricidade, tudo se tem alterado, permutado e aperfeiçoado n'este planeta constantemente sedento de novidade e de melhoramentos.

Só o Mar o enorme doido — como lhe chamou o athléta dos *Miseraveis* — é que tem resistido. O Mar vive hoje como ha seculos, a Terra tem avançado sobre elle, mas abre-lhe canaes, corta os isthmos, como amante enthusiasta afasta-o para melhor o contemplar, para que o impulso que depois o une seja mais intimo, mais amoroso.

Por muito tempo barreira insuperavel á civilisação, é hoje um dos seus melhores conductores.

O Mar tem hoje a mesma força indomavel, o mesmo poder, as mesmas coleras e rugidos, os mesmos attrativos, a mesma poetica suavidade

Altivo e magestoso no vendaval, *smorzando* attrahente cantico na *ardentia* das bonançosas noites de brilho africano!... Antigo paladino, timido e submisso ante a sua dama, sae violento e forte ao combate!

Por momentos parece-nos ver n'este elemento, intelligencia, comprehensão...

Se manobramos com sciencia firme o navio que nos confiaram, as ondas abrem-se-lhe docemente na prôa, deslisando pelo frio costado em cantares de lisonja. como cortezãos que na côrte recuam os passos da etiqueta ante o regio senhor...

Se, porém, o governo da nau é dirigido com pulso menos decidido e seguro, então... ai! então meu Deus! triumpha a revolta, o mar ergue-se indignado, empolga o navio, morde-lhe a borda assalta-lhe as trincheiras, toma-lhe as amuradas, greta-lhe o trincaniz. desconjunta-o... e satisfeito por fim da victoria fica-se embalado nas proprias ondas, mastigando socegadamente os despojos d'aquelle que antes conseguira dominal-o n'um sulco energico e profundo.

A gente de bordo orgulhosa por esta conclusão queria a regata *«e então é que se havia de ver quem corria com melhor vento.»*

A gallera puzera-se de conserva com a barca. Acto continuo, arrearam-se sobrejoanetes, joanetes, bujarrona e giba, os navios *atravessaram* e os respectivos commandantes reconheceram-se.

O commandante da *Montagnard* era amigo do nosso José Riacho, que estivera com aquelle doze annos ao serviço da França.

Loiro, fulvo, magro, de uma viveza impertinente, o francez ainda que sempre sobre um tom levemente desdenhoso e mettendo algumas locuções do seu idioma, falava rasoavelmente a nossa lingua. Era um verdadeiro contraste com o velho capitão da *Herculano*, sempre sereno, caracter rasgadamente franco, corpo robusto, musculatura rija de portuguez antigo.

— Então?... Boa a viagem, *mon vieillard?*

— Está bem de ver, responde uo capitão da *Herculano* subindo á mesa grande e passando os braços por fóra dos brandais.

— Mas vim *garrar-te!*

— Sim, vieste *garrar me*; com a differença, porém, n'este caso, que o coxo sou eu e o mentiroso és tu. Tive menos dois dias de viagem do que tu, para a mesma derrota, apanho te ainda aqui... e tu é que vieste agarrar-me!! Está boa essa!

— *Mon Dieu de la France*, vocês encontraram *mais* melhor vento do que eu, porque tua barca não corre mais que *le Montagnard*; alem d'isso estive cinco dias a pescar. Queres peixe fresco?

— Ha de ser isso! pescar queres tu, mas é nas aguas turvas. E para prova experimentemos. Vale?...

— Valeu, é para já *Vive la France*, gritou o capitão da gallera.

*
* *

Os dois navios tinham-se afastado algum tanto um do outro, porque o timoneiro esquecendo o governo do leme só prestara attenção, como toda a gente da barca, ao dialogo trocado entre os dois capitães.

Os toques de apito: *attenção e chega para as obras*, retiniram em agudo trinado pela tolda dos dois barcos. Minutos depois, seguiam, a gallera e a barca com amura e panno egual n'uma carreira vertiginosa de que as regatas do Tejo dariam uma pallida idéa.

Apesar da *Herculano* ser muito velleira a differença de probabilidades era toda em favor do francez.

A *galera* differe da *barca* em ter no mastro da gata, além da mezena, panno redondo; como: — gata, sobre gata, e sobre gatinha. Ou, fallando de modo menos technico: — gavea joanete e sobre joanete; isto é, mais trez pannos redondos á poupa, o que ajuda muito a marcha do navio, seu governo e equilibrio na *corrida*.

O dia havia estado limpo e de horisontes claros, mas n'esta hora adiantada da tarde, vinham já despegando-se grossas nuvens de oeste e com ellas crescendo o vento.

As vagas correndo rapidas ao longo do costado da barca portugueza, começaram quebrando-se na proa com crescente estampido, e em pouco tempo, quasi sem se perceber, encrespavam se, cresciam e espadanavam em jacto violento e espumoso para bombordo, em pesados rolos cantadores ..

Subitamente a galera franceza na *caturrada* mettia todo o castello de prôa debaixo de agua. A *Montagnard*, ao desafogar se d'aquelle alagamento, fel-o com tanta galhardia que o patilhão luzio por momentos fóra de agua!... Isto foi um aviso, o tempo ia-se tornando carrancudo. E a bordo do francez ao que parecia desistia se da regata. Nova *caturrada*, e a galera, já bastante enxovalhada pelo mar; teve de carregar mais panno.

Ao vêr isto, José Riacho, sorriu e gritou para a prôa:

— Arria sôbros e joanetes, carrega o velaxo!... Andar assim! O' Ericeira, olha para a testa do velaxo .. Hoi! não arriba nada!... O' sôr José da Ericeira, olhe que o caminho é por barlavento, nordeste firme! Arria a giba, ferra! Carrega... vá, ligeiro! Volta os estingues!... Ronda braços!...

Ao terminar-se a manobra a noite cahira sobre nós, muito escura, vento de refregas, vagalhão grosso, marulhento.

Caçou se o velaxo.

O vento e o mar sacudiam bravamente a *Herculano*.

Eu estava no *salto*, a ré, ao lado do commandante Em volta de nós, tudo negro. Apenas de dentro da bitacula um clarão, como um olho enorme que parecia fitar-nos ironicamente, mostrava o rumo que seguiamos.

— Vamos ter dança rija esta noite, diz-me o velho José Riacho, este vagalhão vem dos Açores, conheço-o muito bem! E' temporal para mais de quarenta e oito horas O diabo é o francez que não o vejo já. Não terá elle pharóes? ou correria á pôpa? Veja o meu amigo se sôbe lá cima, ao cesto de gavia, a vêr por onde fica o diabo do *franchinóte*. Elle ainda é capaz de nos pregar alguma peça...

— Vou já, mas seria bom que a *gente do quarto* que vae ficar em baixo; embora se deitasse não descesse. Para o que der e vier, sempre é bom que estejam á mão.

— Pois mande tocar á ceia e elles que fiquem por ahi.

Distribuiu-se a ceia, metade da tripulação deitou-se no convez ao alcance de voz, e o resto ficou de *quarto em cima*.

E eu fui galgando trabalhosamente, pela exarcia grande, porque o balanço era muito. Chegado ao cesto de gavia olhei em redor, segurando-me ao tirador da óstaga. Apesar da bella vista de que então era senhor, mal destingui muito ao longe, pela pôpa fóra, uma sombra!... e nada de pharóes! affirmei-me insistentemente no ponto que me chamou a attenção e... quanto mais me quiz certificar, mais o vulto observado parecia affastar-se, desvanecer, até que desappareceu de todo...

Já ia descendo para o tombadilho, dar parte do acontecido, quando repentinamente rebenta a amura do traquete. Com a subita falta d'este panno, a barca adrissou, mas vindo ao vento caiu de tal modo a ré que julguei o navio perdido. Com tão violenta sacudidela fui parar de encontro aos brandaes da gavea, e ahi me segurei até que a *Herculano* arribou e poude seguir.

Esta situação, angustiosa para todos, durou apenas um minuto.

— Carrega a vela grande! Chega p'r'o traquete! Iça o punho! ajuda com estingue e briol, lesto, vivo!... Volta.

Era José Riacho, o previdente velho que mais uma vez mostrava a sua pericia e sangue frio salvando o navio de ir a pique, como esteve imminente!

Logo que foi passada a anciedade produzida em toda a tripulação da *Herculano* pelo adornar de esta, consegui vir á exarcia e descer por barlavento.

— Dou-lhe os parabens, capitão, disse eu a José Riacho, livrou de boa a *Herculano*.

O velho sorriu apontando-me para a tolda:

— Olhe a feira que aquelle diabo d'aquella vaga ahi deixou!

Era um cahos: malaguetas de ferro rolando de amurada a amurada, antenas desligadas da sua amarração, cabos envolvidos, etc.

— E o francez!...

— A *Matagnard* deu a pôpa ao vento naturalmente e vae corrida com tempo.

— Logo me pareceu! Mas... ó contramestre! então essa vella grande carrega bem ou não! Desengata a amura! Larga a escota por mão!

Corri ao mastro grande, as vagas elevavam-se á altura dos *cestos*, e, correndo obliquamente para a *Herculano* faziam-a estremecer da quilha aos galopes.

O mar queria dar a ultima batalha ao bravo José Riacho; conhecidos velhos apercebiam-se para o combate que se annunciava terrivel.

Emfim desempachou-se o convez. Toda a gente em cima.

O vento soprava de modo que nem berrando com toda a força conseguia-mos ser ouvidos, o bater das vagas e o assobiar do vento era de ensurdecer!!... Só a voz potente de stendor, metalica, do commandante soava dominando tudo!

Eis que uma vaga enorme fugindo por fóra da prôa vem invadir a barca a *meia nau*...

— Hi! Jesus, gritam os menos afflictos.

— Arria o velacho! Carrega! Outros cá! Sobe a cima e ferra a vela grande. Nada de arribar. Timoneiro orçando sempre quando venha o mar... O' contramestre?

Veiu o contramestre.

— Senhor!

— Gente p'ras bombas. De longo, não quero ouvir ninguem! Isso não é nada! alguma agua que veiu aos escovens que se desenbuxaram na caturrada ..

A *Herculano* ia n'uma tão grande velocidade que quando deitámos a *barquinha* e o marinheiro disse — Tópo! — foi *linha e carretel*, tudo pela borda fóra, e quem resistisse ia levado. De repente, outra vaga, enorme, maior do que a primeira, magestosa como o perigo, embarca a ré envolvendo me com os homens que tinham deixado a *barquinha* ir pelo mar, cega-nos, suffoca-nos, aperta-nos, e atira-nos de encontro á bitacula e roda do leme...

Uma grita estranha, horrivel de imprecações, pragas, supplicas se eleva atravez do estridor vibrante da borrasca!

Quando dei por mim, alagado e abatido já vi o José Riacho, em pé, sobre a meza da mezena, a barlavento, bradando:

— Um homem pr'o leme! Já.

Correu o contramestre para a roda do leme que estava abandonada.

— Caça a vela estae de traquete, ronda bem a adrissa!

Os marinheiros, attonitos ainda, recuperam o sangue frio ouvindo a voz clara e vibrante do intrepido capitão; e a manobra fez-se rapida e certa.

....

O pobre timoneiro lá se foi pela borda fóra! Pobre José da Ericeira!

*
* *

O dia 29 raiou limpo e claro, vento bonançoso, e o mar com uma imponente serenidade deixava vogar sobre a sua burnida superficie, de panno todo largo e elegantemente inclinada para sotavento, a barca *Herculano*.

Reparadas algumas avarias, tudo a bordo tornára ao antigo estado, só faltava o pobre José da Ericeira, o corajoso timoneiro morto heroicamente no seu posto.

N'este dia, pela uma hora da tarde, a estação de Oitavos içava signal de estar á vista uma barca portugueza.

Era a *Herculano*.

....

E' assim a vida do mar, lucta grandiosa contra os elementos, de que resulta a morte ou uma victoria ignorada.

Ignorada sim, por se alcançar sem que sonorosas tubas da gloria venham afamar o nome dos que praticam taes acções. Ignorada, porque os vencedores teem a modestia, habito de abnegações, de não pedirem applausos para actos que suppõem naturaes e simples, e que outros praticariam em seu logar. Não contam muitas vezes estes feitos heroicos, pelo receio que a sua pessoa avulte no conto empallidecendo assim o que é sagrado e brilhante — o sacrificio proprio.

Não teem outro auditorio que não sejam a consciencia e o dever. Tambem não podem estimular-se com recompensas; não teem que dar. Um manda e todos obedecem.

E, ai! do que o não saiba! Assim é a vida no mar...

Manuel Barradas.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

XXV

Decorreram dias, semanas, mezes, e Samuel não era solto!

Debalde a orphã perguntava novas d'elle.

Entaipado na cadeia, ninguem o interrogava, como acontecia a muitos outros reclusos! De modo que os desgraçados viam passar o tempo sem esperança de liberdade, porque as justiças tinham mais em que pensar!

Branca começou a recear de que o mancebo succumbisse aos effeitos do soffrimento.

Um dia a infeliz creança, rendida ao trabalho e ás privações, cahiu enferma gravemente.

N'aquella solidão extrema, onde lhe faltava tudo, sentia a morte avisinhar-se.

Se lhe destruissem a tenue esperança de vêr ainda seu irmão, cortar-lhe-iam fatalmente o debil fio da existencia.

Felizmente, uma noticia agradavel, que andou de bôca em bôca, arrancou do leito a orphã, e deu lhe as forças do espirito para triumphar da doença: Dizia-se que as justiças de Hespanha tinham preso o *regicida*, e que, por tal motivo, eram soltos os reclusos.

Branca esperou ainda tres mezes o regresso do irmão, porém os seus desejos não os via realisados.

Decorridos mais 4 mezes, chegou aos seus ouvidos uma noticia atterradora: Nas prisões de Lisboa havia fallecido um preso chamado Samuel, o qual, momentos antes de fallecer, fôra ouvido em confissão por um frade de S. Francisco da Arrabida.

A donzella não quiz convencer-se da morte do mancebo: Era-lhe necessario repellir a todo o custo este boato.

Que importava que na cadeia houvesse succumbido um preso com o nome de seu irmão?

Pois entre os reclusos, que eram tantos, não poderia haver mais um outro com o nome de Samuel?

Todavia Branca resolveu desde logo apurar toda a verdade.

Mas como conseguil-o, se os encarcerados não podiam communicar? Entretanto a donzella não desistiu do seu proposito.

Teve uma idea: Procurar o frade arrabido que assistira ao passamento do infeliz.

No convento da serra encontral-o-hia certamente.

E partiu para alli.

Porém, como introduzir-se no mosteiro... procurar e fallar ao monge cuja presença anciava?

Facilmente.

Quem havia conseguido introduzir-se nas masmorras do Santo Officio e tirar d'alli um innocente, com maior facilidade entraria n'um convento.

....

E quarenta e oito horas após o relatado, a communidade dos franciscanos da Arrabida recebia em seu gremio um novo *irmão leigo*, que deveras apreciou depois pelo seu *saber não vulgar*.

XXVI

Regressemos ao capitulo primeiro d'esta despretenciosa narrativa.

— Por Satanaz!... bradou um dos desconhecidos proximo da gruta: Aquelle buraco é por força o caminho que conduz ao inferno!...

Uma gargalhada impia, coroou a graça do sicario.

Fr. José, occulto nas trevas,ouvia tudo, e enviava a Deus algumas preces.

— Companheiros,— exclamou um segundo malfeitor, ao entrar na lapa: Estendamos as nossas capas e juntemos-nos todos sem demora, que este frio é de rachar.

Os outros bandidos obedeceram, pois que era este o chefe da quadrilha.

Cá fóra, o monge, suspendeu a reza, e soltou um *ai* abafado, mal o faccinora fallára.

O franciscano quiz entrar na gruta, mas conteve-se, envidando um grande esforço.

Por sobre a sua cabeça reinava ainda a tempestade.

O vento, continuando a invadir o algar, impedia o somno dos assassinos, que se expandiam em horrendas imprecações.

— Vamos lá, — disse o chefe: — Quem é capaz de matar o tempo com uma historia? Se ahi estivesse o frade, havia de ser elle o encarregado de a contar..

— Sêde vós... sêde vós; bradaram em côro os outros bandoleiros.

— Não me recuso; disse o chefe dos salteadores. Vou contar-vos a minha historia; mas não vos admireis se n'esta face crestada pelo sol das serras, apparecerem por vezes algumas lagrimas, que pertencem á memoria dos que na vida me foram caros...

O assassino calou-se.

Na lapa reinava um silencio profundissimo. O frade cá fóra, com a respiração comprimida, e dando passos machinalmente, ora levava as mãos aos olhos, ora as levava ao coração.

Depois, o faccinora, rompeu o silencio, tão sómente alterado pelos rugidos do vendaval.

— Amigos — começou elle: Houve um homem que, creado na abundancia, e educado com esmero, viu um dia cahir na sepultura o seu velho e honrado pae, que, martyr da dignidade, preferiu as privações á opulencia adquirida por meio do desdouro do seu caracter...

O bandido interrompeu se, emquanto limpou duas grossas lagrimas, que lhe rolavam pelas faces.

Depois, continuou:

— Morreu ralado de desgostos, legando a miseria a dois filhos que deixára. Um dia, um d'elles, impellido pela fome, sahiu de casa a procurar trabalho. Bateu a todas as portas offerecendo o seu suor em troca d'alguns vintens, mas, desgraçadamente, ninguem o quiz receber. Debalde fez sentir que era honrado, que tinha uma infeliz irmã a sustentar, e que, além dos seus robustos braços, não contava com mais recursos. Tudo em vão!!!

«Depois regressou desalentado á mansarda em que vivia. Sua irmã, rendida pela fome e pela fadiga, esperava-o com umas magras sopas, que ganhára durante o dia!...

«Seguiu-se uma noite dolorosa, finda a qual o mancebo sahiu de novo em busca de trabalho.

«Se algum de vós, horas depois, o visse, encontral-o-hia hesitante entre o suicidio e o roubo. Ah! mas a recordação de seu pae e irmã, serviu-lhe de boia de salvação entre os escarceos da sua vida amargurada.

O salteador curvou a cabeça, e limpou novamente os olhos.

A tempestade proseguia rugidora.

O assassino continuou:

«Mais tarde, preso na Inquisição, — e preso injustamente,— ia para ser queimado n'um auto de fé, quando a sua pobre irmã lhe appareceu certa noite, dando-lhe a liberdade com risco da propria vida...

....

«Teve d'occultar-se dos *abutres da fé*, até que, um dia, n'uma misera agua-furtada em que vivia com sua irmã, foi preso pelas justiças d'El-Rei e obrigado a jazer longos mezes n'um carcere infecto, só porque o desgraçado fôra confundido com um triste fugitivo dos massacres de Belem.

«Abertas as portas do seu medonho calabouço, o desgraçado correu velozmente com o pensamento fito na infeliz creança, que as injustiças dos homens o obrigaram a abandonar.

«Entrou em casa, mas não a viu!...

«Procurou-a por toda a parte, porém não pôde encontral-a!

«Pediu a Deus que lh'a restituisse, mas Deus não quiz ouvir os seus rogos, que partiam d'uma alma attribulada!...

«D'aqui á descrença, e da descrença á perversão, não vae nada...

«E o infeliz, que Deus não ouviu, e que os homens perverteram... está aqui furioso por não poder saltar já a um viandante imprudente, e roubar-lhe a vida e o dinheiro!... Eh! lá, ó Maltez (disse alfim o assassino a um dos companheiros): Passa para cá a garrafa da cachaça. Se bebêste um gole sem minha ordem, pede ao diabo que te proteja a alma...

O Maltez passou a garrafa ao *chefe*, ao mesmo tempo que fr. José entrou na gruta.

O bandido, ao vel-o, ergueu-se d'um pulo, levou nervosamente a mão ao cinto e arrancou um punhal.

— Miseravel... hypocrita... infame (disse elle escumando de raiva): Vaes pagar aqui, em torturas do inferno, o supplicio tantalico que me fizeram soffrer os monstros da tua raça...

— Samuel!... Samuel!... bradou o monge, avançando para o faccinora, que, maravilhado do timbre d'aquella voz, ergueu do chão a lanterna e approximou-lh'a da face.

Um grito eloquente... indescriptivel,— derradeira expressão da surpresa,—escapou dos labios do malfeitor, que, abraçando o frade, derramou, longo tempo, sentidas lagrimas.

Os companheiros, confusos e estupefactos, assistiram silenciosos a esta scena, como que se fossem de chumbo.

CONCLUSÃO

N'uma das pobres e acanhadas cellas do mosteiro de S. Francisco da Arrabida, conversavam a meia voz o monge e o bandido, no dia immediato áquelle em que se deram os factos referidos no capitulo que antecede.

Escutemos o dialogo:

— Samuel, meu pobre irmão: Se até aqui a nossa vida tem sido farta de perseguições e soffrimentos, diz-me Deus que, d'ora ávante, gosaremos uma existencia tranquilla. Ah! mas que a negra recordação dos teus delictos te inspire um sincero arrependimento.

— Sim... sim... Branca: Eu me arrependo e peço a Deus perdão dos meus crimes...

«Deus hade perdoar-me, por que é bom e compassivo.

«Estas mãos, tantas vezes tintas no sangue das minhas victimas, pode e hade purifical-as o Jordão da penitencia.

....

Depois do anno de mil oitocentos e tres ainda viviam, n'um dos pontos mais escusos da serra d'Ossa, dois velhos ermitões, a quem os povos d'aquelles sitios veneravam pelas suas muitas virtudes.

A sua principal tarefa consistia em curar os enfermos, que em profusão os procuravam.

Chamavam-se elles Samuel e Branca, cuja santidade era questão indiscutivel vinte leguas em redor.

ECHOS DE TODA A PARTE

Está alcançando grande exito no theatro do Prater de Vienna d'Austria a traducção d'uma peça de Madach, considerada a obra prima do celebre poeta hungaro a *Tragedia do Homem*.

A *Tragedia do Homem* é um poema dramatico que passa em revista todas as evoluções da historia humana desde o Paraizo até ao fim do mundo. O personagem principal é Adão, que se transforma successivamente em Pharaó, em Meltiades, em Sorgiolus, Tancredo, Keppler, Danton, homem moderno e em numero vivo d'um phalansteriano. Eva acompanha Adão em todas estas transformações.

A peça é muito curiosa, muito interessante, tem apparatosa mise-en scène, córos, bailados, está posta em scena com grande esplendor e vae ser no proximo inverno montada em Londres e em Paris, no theatro do Odéon.

* * *

A criminalidade na Grecia.

Durante o mez de maio ultimo, mez das eleições geraes houve na Grecia 92 assassinios, 7 homicidios, 8 mortes sem causa conhecida, 250 ataques á mão armada, 43 raptos e o desapparecimento mysterioso de 13 pessoas de quem se ignora o que é feito.

Que Deus nos livre de eleições gregas!

* * *

Casa fluctuante.

Foi ha dias lançada ás aguas do Sena uma embarcação originalissima que só tem de barco a base. Sobre essa base ergue se um lindo chalet da mais elegante architectura e decorado com immenso bom gosto.

O chalet tem um terraço para onde abre a casa de jantar: uma magnifica galeria salão de 17 metros de comprimento por 5 de largura, um bello quarto de cama, e mais 4 quartos.

Durante o verão uma corrente de agua gelada mantem a atmosphera da casa n'uma deliciosa temperatura.

A nova embarcação chama-se *A Farándula* e pertence a um rico agente da Bolsa de Paris.

* * *

Os effeitos terriveis da dynamite.

Um trabalhor das minas de nikel da Nova Caledonia tendo atirado um cartuxo de dynamite que não estourou logo e imaginando que não tinha sido bem pegado o fogo foi apanhal-o para deitar fogo de novo: quando ia porém a colhel-o o cartucho fez explosão. A mão direita com que ia a pegar no cartucho ficou completamente desfeita, redusida a um pedaço informe de carne apenas presa ao braço por um fragmento de pelle. O tronco ficou litteralmente eivado de feridas pequenas, mas profundas, abertas em tunnel sob os tecidos. Ao apalpar-lhe o peito sentiam-se muitos fragmentos d'osso, soltos como se tivessem corrido por debaixo da pelle.

Como ali não havia hospital o desgraçado foi levado á enfermaria d'um navio de guerra, mas a travessia durou 12 horas, sob um sol ardentissimo a gangrena declarou-se e o pobre homem morreu.

Quando se lhe fez a autopsia o espanto dos medicos foi enorme ao encontrarem no fundo do peito, junto á espinha dorsal as unhas da mão que ia a pegar no cartucho e que tinham penetrado até ahi, atravessando o corpo de parte a parte: a violencia da expulsão fôra tal que transformara as unhas em projectis fazendo-as percorrer um sulco de 30 centimetros pelas carnes.

* * *

Fallámos ha pedaço das eleições da Grecia, agora vamos fallar das eleições da Roumania, que pelo facto que vamos citar são muito menos tragicas e muito mais divertidas.

Em Bucharest um antigo *maire* o sr. Protopopesco que se propôz a deputado nas ultimas eleições teve uma idéa verdadeiramente original: comprou uma grande porção de pares de botas e mandou distribuir aos seus eleitores uma bota do pé direito a cada um, promettendo-lhes a bota do pé esquerdo para depois da eleição, em saindo deputado.

A idéa era original, isso era, mas o resultado não foi lá grande coisa, porque o sr. Protopopesco não venceu, a sua eleição ficou empatada,

E agora com a casa cheia de botas do pé esquerdo o antigo maire espera o resultado da nova eleição.

Meus senhores, as novas eleições estão á porta, e por tanto srs. candidatos é tratar de arranjarem... esses pares de botas.

* * *

Os cães que estão agora sendo perseguidos em Paris pelo sr. Losé, o chefe de policia, tem uma alta importancia no Thibet.

No Thibet há quatro generos de sepultura.

A primeira é a combustão.

A segunda a immersão nos rios ou nos lagos.

A terceira a exposição sobre os cumes das montanhas.

A quarta a mais em moda de todas, a mais ele-

gante, consiste em cortar os cadaveres em bocadinhos e dal-os a comer aos cães.

A gente pobre de Lha-Sca tem por mausoleu, por jazigo, o estomago dos cães vadios do bairro, mas a gente rica, as pessoas que se tratam tem quintas onde se criam cães expressamente para este fim e onde os Thebetianos ricos se vão enterrar.

Segundo conta Strabão esta usança encontrava-se tambem entre os Bactriannos e uma passagem de Cicero attribue a egualmente aos povos da Hyrcania.

* * *

N'um restaurant :

Um sujeito entra, senta-se e pede um jantar.

Vem a sopa.

O freguez. — Rapaz: não posso comer a sopa!

Criado.— Prompto senhor, trago lhe outra.

Leva o prato de sopa e traz outra sopa differente.

O freguez. — Rapaz, não posso comer a sopa.

Criado.—Aqui está outra.

E traz-lhe uma terceira sopa.

Freguez.—Rapaz: não posso comer a sopa.

— ? ? ?

— Não posso comer a sopa porque não tenho colher!

Phonographo.

REVISTA POLITICA

A independencia e imparcialidade com que sempre nos temos mantido n'este logar, permitte-nos vêr um pouco mais claro e ser mais rasoaveis, do que em geral para ahi se está vendo e sendo sobre o celebre convenio e sobre as intervenções officiaes dos governos estrangeiros a respeito do mesmo convenio.

Apraz-nos antes attribuir este modo de vêr e de pensar, a essa independencia e imparcialidade, do que á nossa esperteza em deterimento das faculdades de quantos andam para ahi dizendo e escrevendo desconchavos a respeito d'esta questão.

E' isto e não póde ser outra cousa.

Não podemos crêr que os politicos estejam falando com o coração nas mãos, quando pintam com negras côres as intervenções estrangeiras que vem a caminho d'esta patria de Ulyces, por cau-sa da regeição do convenio; e não podemos crêr, porque o mesmo seria que reconhecer um completo desarranjo nas faculdades d'esses mesmos politicos.

Não póde ser.

O que elles estão é fazendo politica, politica má, politica tresloucada, politica insensata, politica da sua especialidade, com que muitos se tem destinguido e ganho fama de grandes talentos, mas politica, e só politica, politica de vesperas de eleições.

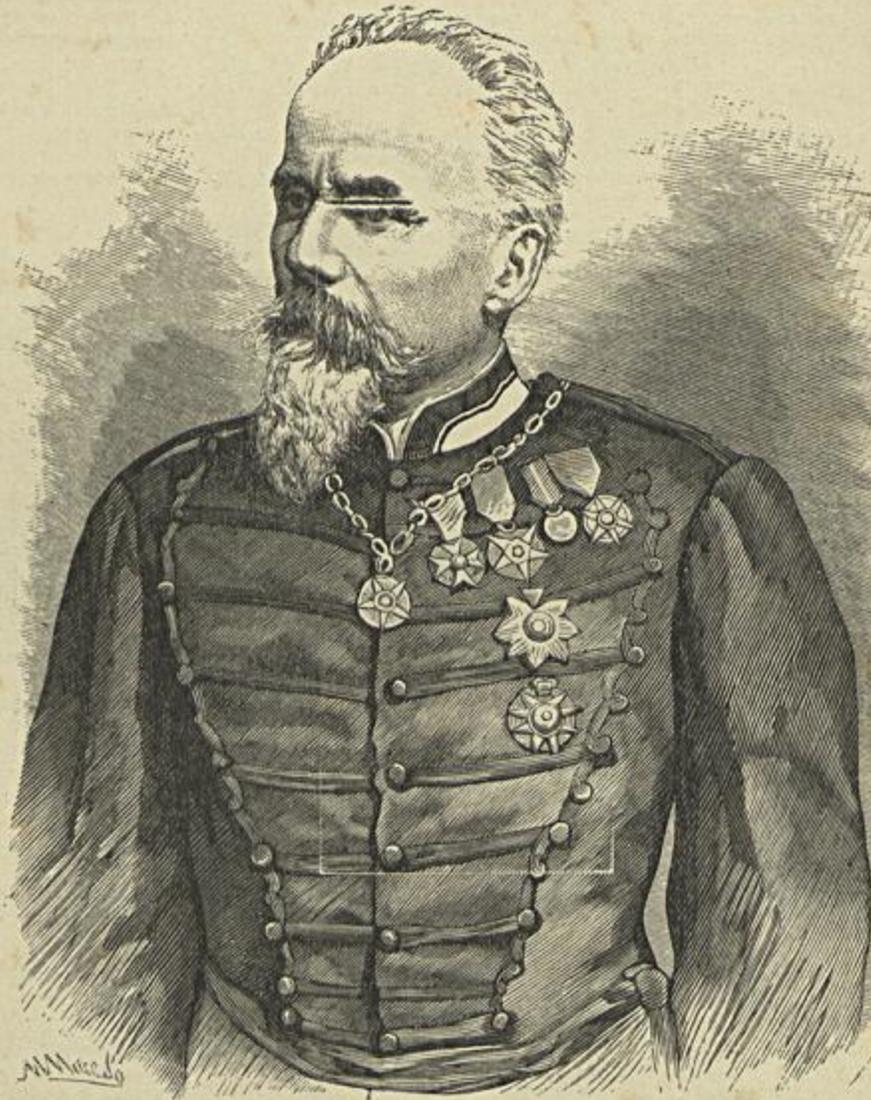
Se até um jornal do chefe de um partido, aconselha os possuidores de titulos de divida externa a que os não convertam em titulos de divida interna, por que em se reunindo as côrtes, paga-se tudo por inteiro.

E está este chefe de partido senhor do elixir que deve produzir tão salutar effeito, e não corre pressuroso a salvar a patria que se debate entre as garras dos seus credores!

E' um tyrano! Um cynico é que elle é.

Nós francamente se soubesse-mos o meio de equilibrar de um dia para o outro as finanças publicas, pagando intregralmente a todos os credôres, sahiamos aos pulos da nossa modesta obscuridade, e escalava-mos o poder com unhas e dentes, para termos a grande satisfação, o justo orgulho de esclamar-mos de bem alto *eurek;* está tudo salvo, incluindo a propria honra.

Mas visto este salvador não querer fazer uso do seu portentoso elixir, sem que a urna falle, exactamente como a burra de Balaam não tendes outro remedio caros eleitores que fazer fallar a urna dando os vossos votos a este salvador e aos da sua grei.

Oh! as eleições são o grande motor dos que aspiram viver á custa do orçamento, pelo que se não houvera eleições não estaria o pobre orçamento ajoujado com ellas que faz como o camello, cospe fóra por não poder com a carga

VISCONDE DE PONTE FERREIRA — FALLECIDO EM 19 DE JUNHO DE 1892

(Segundo photographia)

E' por isso que nos alegrou um tudo nada um certo boato que se tem segredado de que o governo adiava por emquanto as eleições.

Não acreditamos nada em tal boato, mas se elle se traduzisse em facto, seria a coisa mais acertada que o governo podia fazer depois da regeição do convenio

Valeu?! sr. Dias Ferreira adiar para as Kalendas o tal acto eleitoral?

Creia sua ex.ª que realisava a medida mais salvadora das finanças do thesouro.

Era superior a todas as reformas e economias possiveis de imaginar, mas difficilimas de pôr em pratica, e um grande passo dado para a moralisação publica.

Vá feito sr. presidente do conselho. Adie as eleições e verá a grande paz que lhe fica na consciencia, porque afinal com eleições ou sem eleições, a intriga politica ha de pregar com o governo em terra, e então escusava sua ex.ª de lhe ficar lá dentro o remorso de ter feito mais umas eleições, n'este bello paiz em que só se importam com ellas os candidatos e os galopins.

Se até o manifesto do partido republicano que ha 5 dias sahiu a publico, termina com a phrase sacramental de: Á URNA ELEITORES!

E afinal para dizer aquillo, não valia a pena incommodarem-se os seus quinhentos subscriptores.

Parece o discurso da corôa, o tal manifesto. Mansarrão, pacato, de molde para a burguezia, como quem não quer espantar a caça dos dez reisinhos do bom burguez que hoje compra o *Seculo.*

Até é conservador o manifesto, como a boa mãe que o deu á luz!

Como o... tempo transforma e muda tudo!

A theoria do transformismo, evidenceia-se e não ha que duvidar d'ella.

O partido republicano passou á historia. E' uma lenda que nossos filhos contarão a nossos netos.

Requiescat in pace.

Vamos ao que interessa e para isso voltemos ao convenio a respeito do qual temos a dar aos nossos leitores a grata noticia, que nos chega á ultima hora, de que o *Stock-Exchange* de Londres, não se associa ás represalias propostas pelos *comités* com respeito aos titulos de divida externa. Não põem duvidas a que os possuidores d'esses titulos vão recebendo o que o governo portuguez póde pagar, e n'isso não mostra senão o espirito pratico dos inglezes.

A attitude do *Stock-Exchange* desarma completamente toda a mesquinha guerra que nos estava fazendo os varios *comités,* e tudo entrará na razão, mau grado dos negociadores de emprestimos e quejandos.

O que dirão agora os patriotas que sonhavam com intervenções estrangeiras e faziam côro com os credores zangados?

O diabo da politica transtorna muita gente boa, e faz maus uns sujeitos, que aliaz são umas bellas pessoas em não se tratando da tal matronassa.

Esta noticia do *Stock-Exchange* de Londres e a da chegada da *Rosa de Oiro,* são as duas melhores novas que temos a dar aos nossos leitores.

A da *Rosa* sobretudo, é de um grande alcance.

Decididamente Portugal, não póde passar sem ter uma *Rosa.*

Esta agora é de oiro e vem de Sua Santidade.

E' o que vale.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores

Rua Nova do Loureiro, 25 a 43